

A PALAVRA PARA ALÉM DA NOTÍCIA: AS ACEPÇÕES DA PRIMAVERA ÁRABE NA IMPRENSA

Fábio Ferreira Agra*
Marcus Antonio Assis Lima**

RESUMO: O presente trabalho faz uma análise da palavra e suas implicações dentro do discurso jornalístico, tendo como objeto a expressão *Primavera Árabe*, nome dado às revoltas que ocorreram no mundo árabe em 2011. A metodologia adotada na pesquisa parte da análise de conceitos sobre a palavra na perspectiva de Bakhtin e Pêcheux. Partindo dos conceitos de Mikhail Bakhtin acerca da palavra, observa-se que as acepções de determinados termos podem variar de acordo com o momento histórico em que a palavra é lançada, sendo susceptível a subjetivações do locutor, assim como a do interlocutor. A expressão em si só não explica tais acontecimentos sem que haja uma interpretação dos fatos pelos sujeitos que produzem a notícia e daqueles que a consomem. Por isso a palavra pode adquirir várias acepções, dependendo do ponto de vista de quem a escreve e de quem a ler.

PALAVRAS-CHAVE: Acepções da palavra; Discurso jornalístico; Primavera Árabe.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a palavra sob a perspectiva de alguns estudiosos da linguagem, como Bakhtin e Pêcheux, levando em consideração as mudanças de sentido que expressões e termos podem adquirir ao longo da história. Para o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2010) as acepções da palavra podem variar de acordo com o momento histórico em que ela é lançada, sendo susceptível às subjetivações do locutor, assim como a do interlocutor. Partindo dessa premissa, observa-se que,

* Mestrando em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

** Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

no jornalismo, tais mudanças de sentido estão mais propensas a acontecer devido aos fatores que engendram a produção da notícia, como condições ideológicas e sócio-históricas dos sujeitos que a produzem.

Entre as inúmeras ressignificações que são diariamente incorporadas pelo jornalismo para que o leitor, telespectador ou ouvinte se familiarize mais com a notícia, uma ganhou destaque nos meios de comunicação a partir de janeiro de 2011, quando eclodiram as revoltas de civis para depor ditadores ou para garantir direitos em alguns países do Oriente Médio e norte da África. Em pouco tempo, as revoltas foram nomeadas, pelos meios de comunicação, como Primavera Árabe. Este é o termo escolhido como objeto de reflexão no presente trabalho. A expressão, tão recorrente na imprensa mundial nos último dois anos, revela como a palavra pode ser ressignificada a cada contexto histórico e/ou referendar discursos. Para Pêcheux,

as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (Pêcheux, 1997, p. 160)

Escrever ou falar sobre o outro sem subjetivar-se é tarefa indizível, de acordo com os conceitos bakhtinianos sobre a palavra. A neutralidade, sendo uma das propriedades da palavra, “se estabelece no sentido de que a palavra é ‘neutra em relação a qualquer função ideológica’” (STELLA, 2007, p. 179), mas quando a palavra é materializada no discurso toda sua neutralidade se perde e novas acepções, de acordo com o contexto sócio-histórico, são adquiridas tanto pelo locutor quanto pelo interlocutor. “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis.” (BAKHTIN, 2010, p. 109).

O *corpus* da pesquisa é constituído pelas revistas de informação Veja e Carta Capital. As reportagens da Veja foram acessadas em edição eletrônica da versão impressa,

disponível no seu acervo digital¹ e as reportagens da Carta Capital foram capturadas na sua versão eletrônica².

A análise dos textos que tratam da Primavera Árabe não pode ser concebida apenas observando o acontecimento em si, sem considerar a conjuntura que envolve os sujeitos que os escrevem. A análise sócio-histórica dos acontecimentos deve ser acompanhada da análise do caráter ideológico do discurso enunciado pelos sujeitos.

Segundo Galtung e Ruge (1999), existe uma cadeia de comunicação noticiosa que estabelece a estrutura do noticiário, desde o momento em que os fatos acontecem, segundo a percepção dos *media*. Só depois os fatos são transformados em notícia. Entre a percepção dos *media* e a notícia materializada há uma seleção e distorção dos fatos. Portanto, entre uma ponta e outra da cadeia de comunicação, os *media* fazem leituras dos fatos de acordo com a sua visão sócio-histórica e ideológica. Voloshinov (apud MOTTELO, 2007, p. 169) esclarece o conceito de ideologia para o círculo de Bakhtin: “é todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que têm lugar no cérebro do homem e se expressam por meio das palavras [...] ou outras formas sócio-sígnicas”.

Os meios de comunicação, embasados em uma suposta imparcialidade, reproduzem discursos para leitores, ouvintes ou telespectadores. As suas palavras estão impregnadas de marcas ideológicas, construídas ao longo da história. Para Bakhtin (apud PONZIO, 2009, p. 123),

A palavra não é uma coisa, mas o *medium* constantemente móvel, eternamente mutável, da relação dialógica. Não pertence nunca a uma só consciência nem a uma só voz. A vida da palavra consiste em passar de boca em boca, de um contexto a outro, de um grupo social a outro, de uma geração a outra. Comportando-se dessa forma, a palavra não esquece o caminho percorrido e não pode se livrar de todos esses contextos concretos dos quais antes fez parte.

¹ O Acervo Digital da revista *Veja* contém as matérias da edição impressa e pode ser acessado através do próprio site da revista. A saber: www.veja.com.br.

² O site da revista Carta Capital contém as matérias publicadas na edição impressa e podem ser encontradas no site www.cartacapital.com.br.

[...] O falante recebe a palavra de uma voz de outrem, e cheia de vozes outras. A palavra chega ao seu contexto vinda de outro contexto e também cheia de intenções alheias.

Sendo assim, as enunciações não podem ser consideradas neutras. Segundo Ponzio (2009, p. 133) “o significado de toda enunciação é inseparável de seu sentido ideológico e de sua relação com a prática social”.

Os *media* cristalizam seu ponto de vista, que pode apresentar-se ora como um simples relato de um fato, ora como uma opinião, como se seus interlocutores fossem convidados para um banquete. Devora-se a notícia como quem saboreia um prato, sem a preocupação de se perguntar qual a receita. Importa para os interlocutores o deleite e o estômago cheio de atualidades sobre os fatos. Porém, um prato tem todo um processo de preparação, desde a escolha do cozinheiro, a seleção dos ingredientes e os modos peculiares de preparo. Do mesmo modo, a notícia passa por um processo de produção, que envolve a seleção dos fatos e a escolha das palavras a serem utilizadas para a construção do texto. Os meios de comunicação servem uma notícia quente e recheada de pontos de vista, ora do jornalista, ora da empresa que o emprega. Deve-se considerar, ainda, o ponto de vista do leitor, que aparece no horizonte de expectativa dos produtores do texto e que decodificará a mensagem de acordo com os seus próprios condicionamentos sociais e culturais: “O essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto particular.” (BAKHTIN, 2010, p. 96). Para analisar a palavra, é preciso, pois, considerar os contextos históricos e sociais de sua produção e consumo, ou seja, é necessário considerar a palavra em situação de uso.

Em relação às revoltas do norte da África e do Oriente Médio, é necessário realizar uma busca histórica para compreender as novas acepções que a expressão Primavera Árabe adquiriu. Como a linguagem está sempre em movimento, a expressão Primavera Árabe, que foi aplicada em outras conjunturas, pode ser compreendida pelo interlocutor a partir de um discurso anterior, mas sob novas formas e novos atores.

2011: primavera e revoluções

A expressão Primavera Árabe foi largamente utilizada para nomear as revoltas contra os regimes autoritários nos países do Oriente Médio e norte da África. Teve como ponto de partida o suicídio do vendedor tunisiano Mohamed Bouazizi, em 4 de janeiro de 2011, na Tunísia, como ato de protesto contra o confisco da sua mercadoria pela polícia. A morte de Mohamed Bouazizi gerou uma onda de revoltas e culminou com a queda do ditador Zine al-Albidine Ben Ali, que estava no poder há 23 anos. O movimento na Tunísia foi o estopim de uma série de revoltas civis em pelo menos oito nações árabes: Iêmen, Egito, Líbia, Bahrein, Marrocos, Jordânia, Argélia e Síria. Além de Ben Ali, as revoltas levaram à deposição Hosni Bumarak, no Egito, e Mummar Kadafi, ditador da Líbia. Neste país, a guerra civil foi potencializada pela intervenção da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e culminou com a captura e morte de Kadafi pelos insurgentes. Os fatos receberam uma ampla cobertura dos meios de comunicação. Em outros países, as revoltas foram reprimidas à força, embora pequenas transformações políticas, como reformas na legislação, tenham sido realizadas.

As mudanças nos países árabes, aparentemente não eram esperadas pela comunidade internacional e abruptamente passaram a fazer parte da pauta dos principais veículos de comunicação. Contudo, acontecimentos inesperados fazem parte da vida do jornalista. As revoltas e revoluções muitas vezes elas são tramadas no silêncio, sem alarde, como salientam Tarik Tздаï e Naceur Chaabane (2011, p. 33):

Como sublinhou Timur Kuram³, diante de regimes repressivos, as populações aprendem a resistir ao arbitrário pela falsificação de suas preferências. Mesmo se as pessoas reconhecem a necessidade de mudança, jamais expressarão em público qualquer atitude ou comentário suscetível de revelar suas verdadeiras aspirações; na melhor das hipóteses, seriam discutidas em âmbito privado, com pessoas de confiança. Esse silêncio das massas dá impressão de estabilidade, e essa aparência de estabilidade não permite ver o crescimento gradual de descontentamento nem a forma como é gestado

³ TimurKuran, *Private Truths, public lies: the social consequences of preference falsification* [Verdades privadas, mentiras públicas: as consequências sociais da falsificação da preferência], HarvardUniversity Press, Cambridge, 1995.

– até o momento em que detonam os levantes. Com as máscaras caídas pela imprevisibilidade, revela-se um povo obstinado pela reivindicação da liberdade, da liberdade de ser ele mesmo.

Por outro lado, uma centelha revolucionária acesa em um país pode se alastrar a outros lugares. Diante do fenômeno da globalização, as agências de notícias e as grandes empresas jornalísticas devem, pois, estar prontas para cobrir o maior número de países possível. Especialmente após o fim da Guerra Fria, os mercados se tornaram mais competitivos, amplas parcerias foram estabelecidas entre países e o número de atores globais aumentou, seja nas grandes potências econômicas, seja nos países antes tido como periféricos. De acordo com Lima (2002, p. 8)

Os jornais não poderão mais limitar a cobertura jornalística àqueles poucos centros urbanos que são eleitos como merecedores da instalação de uma sucursal – a delimitação espacial tratada anteriormente. Será exigida do jornalista, mais do que já é, uma cultura abrangente, capaz de lidar “naturalmente” com eventos que acontecem em países distantes. Daí, a imposição, às agências internacionais de notícias, de uma maior amplitude na cobertura realizada em âmbito mundial. Assim, parece que caminhamos para um jornalismo mais global e plural, no sentido da inclusão de povos e comunidades periféricas nas agendas político-culturais mais amplas.

O Oriente Médio e a Ásia Central sempre receberam destaque na imprensa Ocidental por conta dos conflitos históricos entre palestinos e israelenses e, nos últimos dez anos, os olhares da imprensa ocidental estiveram voltados para os conflitos internos e as intervenções dos Estados Unidos no Iraque e no Afeganistão. Já no norte da África, o Egito se constituiu em um atrativo para os *media* por força da aliança desse país com os Estados Unidos, sua liderança no mundo árabe e sua política externa, como mediador nos conflitos entre a Autoridade Palestina e Israel. O advento da chamada Primavera Árabe garantiu ao mundo árabe ainda maior visibilidade na comunidade internacional e especial atenção por parte dos *media*.

Entre 4 de janeiro de 2011, data em que começaram os protestos na Tunísia, e as primeiras publicações sobre o assunto pelas revistas *Veja* e *Carta Capital* alguns dias se passaram. A *Carta Capital* noticiou os eventos da Tunísia em uma matéria intitulada *Perfume de Jasmim*, publicada na edição nº 630, de 26 de janeiro de 2011. A expressão era uma referência à Revolução do Jasmim, termo utilizado inicialmente para denominar a revolta na Tunísia. Com o alastramento das insurgências para outros países árabes, a denominação foi abandonada em favor de um termo mais abrangente.

A revista *Veja* noticiou os acontecimentos na Tunísia em uma nota na seção *Data*, na edição 2200, em 19 de janeiro de 2011⁴, na qual informava que o primeiro-ministro Mohammed Ghannouchi havia assumido a presidência do país no lugar de Ben Ali.

As revoltas no norte da África e do Oriente Médio vinham sendo noticiadas quando a expressão *Primavera Árabe* foi assumida pelas revistas brasileiras somente após as insurgências na Tunísia, no Egito e na Líbia levarem à deposição dos ditadores que estavam no poder há anos. Em contrapartida, outros veículos de comunicação vinham noticiando os levantes como *Primavera Árabe*. No site da BBC⁵ a expressão aparece em uma notícia sobre o Egito em 11 de fevereiro de 2011, intitulada *Egípcios protestam contra Mubarak*, e passa a ser usada constantemente em outras publicações ao longo dos meses.

A história é outra, mas as palavras são as mesmas

A palavra *Primavera* e, mais especificamente, a expressão *Primavera Árabe* já haviam sido utilizadas em outras ocasiões, em contextos políticos diferentes. O seu uso fez-se recorrente, na imprensa do Ocidente, para tratar de movimentos que pareciam apontar para qualquer mudança política nos países do Oriente Médio em direção ao apregoado modelo de democracia ocidental. Assim, foram anunciadas como prenúncios

⁴ As datas de edição da revista *Veja* tomam por base a versão eletrônica, disponível no seu *Acervo Digital*.

⁵ Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12324664>>. Acessado em 10 de junho de 2013.

de uma Primavera Árabe: o falecimento de Yasser Arafat, em novembro de 2004; a participação do eleitorado iraquiano nas eleições de janeiro de 2005; o assassinato do ex-primeiro-ministro do Líbano Rafic Hariri, em fevereiro de 2005, seguido de protestos exigindo a retirada das tropas sírias de território libanês; e a reforma do modelo de eleição presidencial no Egito, anunciada pelo então presidente Hosni Mubarak, em fevereiro de 2005. Como salienta Gilberto Achcar⁶ (2005), “por sua conjunção, esses acontecimentos – que alguns qualificaram de "primavera árabe" - suscitaram uma onda de comentários na imprensa mundial, cujo impressionismo às vezes era impresso de credulidade”.

A expressão Primavera Árabe também tem sido utilizada, na atualidade, para se referir à resistência egípcia aos britânicos, franceses e israelenses, nas décadas de 1950 e 1960, ainda que, naquela época a expressão não tivesse sido aplicada aos acontecimentos. É o que se depreende, por exemplo, do texto do economista e historiador, especialista em Oriente Próximo, Georges Corm (2011), para quem a Nova Primavera Árabe, iniciada em janeiro de 2011, foi o primeiro grande movimento de contestação nos países árabes desde a era Nasser (1956 e 1970):

Será uma nova ‘Primavera Árabe’, esperada há tanto tempo desde a vitória sobre as forças coloniais britânicas e francesas, que de comum acordo com Israel se voltaram contra aquele que era, em 1956, o símbolo da resistência, o Egito de Gamal Abdel Nasser, anti-imperialista e terceiro mundista? Aquele período chegou ao fim de modo brutal em 1967, com a derrota dos exércitos do Egito, da Síria e da Jordânia frente a Israel. (CORM, 2011, p. 36.)

A origem da expressão ainda é incerta. Pode ser uma alusão à Primavera de Praga, movimento que aconteceu em 1968 na antiga Tchecoslováquia com o objetivo de promover transformações políticas no país e que resultou na ampliação dos direitos dos cidadãos, como o uso da palavra Primavera para nomear algum tipo de mobilização polí-

⁶ Disponível em <http://diplomatie.org.br/acervo.php?id=1219&tipo=acervo>. Acessado em 1º de julho de 2012.

tica pode ser detectado ainda em 1848, nas abordagens sobre a Primavera das Nações ou Primavera dos Povos, movimentos ocorridos na França, Itália e Alemanha.

A palavra primavera conota algum tipo de abertura ou mobilização política, mas o seu uso está estreitamente associado com as posições ideológicas de quem produz o discurso. O uso da expressão Primavera de Praga para designar o movimento de 1968 indica, por exemplo, uma valoração positiva dos eventos pela imprensa ocidental, mas é possível prever uma percepção diferente pelos enunciadores associados à ex-União Soviética. Da mesma forma, os ideais de abertura política, direitos democráticos e maior transparência, apregoados pelo Ocidente, podem não corresponder aos anseios daqueles que se beneficiam dos regimes ditatoriais. Para Pêcheaux (1988, p. 160-161), “as palavras, expressões, proposições, etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...] As formações discursivas representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.”

Uma nova estação, um novo discurso

Para o desenvolvimento deste trabalho, fragmentos de duas reportagens, uma da *Veja* e outra da *Carta Capital*, nas quais estava contida a expressão Primavera Árabe, foram selecionados. O fragmento da *Veja* foi extraído de uma reportagem sob o título *Israel, uma nação sitiada*, publicada em 21 de setembro de 2011, edição 2235. Assinada por Duda Teixeira, a matéria discorre sobre as implicações do reconhecimento da Palestina como Estado, com filiação plena na ONU, e usa como pano de fundo as revoltas nos países árabes. A reportagem começa reportando fatos sobre a chamada revolução egípcia, com destaque para a ocupação da embaixada de Israel, no Cairo, no dia 9 de setembro. O trecho da reportagem que traz a expressão Primavera Árabe consta ainda no *lead* da notícia:

O ataque à embaixada não é o primeiro dos muitos atos criminosos praticados por radicais maometanos com a cínica anuência das autoridades egípcias. Gangues de jovens muçulmanos destroem igrejas cristãs e atacam cidadãos cujo único crime é não comungar

com eles a mesma religião. Os policiais sempre chegam atrasados a esses episódios, a tempo apenas de impedir que muito sangue seja derramado e caia a ficha do Ocidente de que a Primavera Árabe é apenas o prenúncio passageiro do duradouro inverno dos governos teocráticos dominados por radicais islâmicos. (Veja, 21 de setembro de 2011, p. 75. Grifo nosso).

Da Carta Capital, analisamos a reportagem publicada em versão eletrônica no dia 21 de março de 2011, assinada por Gianni Carta. Sob o título Ultimato da ONU ao tirano⁷, a matéria alude às possíveis sanções da ONU à Líbia, mas estende a abordagem para a derrota dos movimentos associados à noção de Primavera Árabe nos países do Golfo, como o Bahrein, onde as revoltas foram sufocadas.

O efeito dominó iniciado na Tunísia e no Egito com a Primavera Árabe não é infinito. Ou definitivo, como foi o caso das revoluções que varreram regimes autoritários do Leste Europeu, em 1989. Por ora, a Primavera Árabe parece ter esmorecido. As flores a inspirar revoltas murcharam. Mesmo assim, a esperança permanece. (Carta Capital, 21 de março de 2011, grifos nossos)

A análise dos fragmentos das reportagens da Carta Capital e da Veja foi realizada à luz das concepções bakhtinianas, que indicam quatro propriedades para as palavras: pureza semiótica, possibilidade de interiorização, participação em todo ato consciente e neutralidade.

A pureza semiótica diz respeito às diversas funções que a palavra pode assumir ao se materializar em variadas situações: “Refere-se à capacidade de funcionamento e circulação da palavra como signo ideológico, em toda e qualquer esfera, diferentemente dos materiais criados especificamente para o funcionamento em uma esfera.” (STELLA, 2007, p. 179)

A interiorização da palavra está relacionada às novas acepções que a palavra pode adquirir, de acordo com as entoações valorativas do locutor, ou seja, em consonância

⁷ Para maiores informações acessar: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/ultimato-da-onu-ao-tirano-2/> Acessado em 25 de junho de 2012.

com o significado que a ela se deseja atribuir. Segundo Stella (2007), há um embate entre o signo internamente circulante e as nuances de sentido: “a palavra constitui o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência), constituído por palavras, e o mundo exterior construído por palavras.” O signo exterior, portanto, não é idêntico ao que circula na consciência.

No tocante à participação em todo o ato consciente, Stella esclarece: “a palavra funciona tanto nos processos internos da consciência, por meio da compreensão e a interpretação do mundo pelo sujeito, quando nos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas.” (STELLA, 2007, p. 179). As aceções da palavra reverberam, pois, de acordo com o contexto e as significações da palavra podem ser ampliadas na medida em que os contextos também sejam modificados.

A última propriedade da palavra é a “neutralidade”, que pode “assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira em que aparece num enunciado concreto”. (STELLA, 2007, p. 179).

Quando materializada pelo locutor, a palavra passa a ter um sentido mais amplo, o que se dá com a “interiorização” da palavra. Conforme Stella (2007, p. 187), “o processo de interiorização se dá entre o signo internamente circulante e o externo. Ele acontece na compreensão dessas nuances de tons, circulantes no signo externo. Os novos significados devem ser compreendidos pelo interlocutor”. Assim, as palavras Primavera e Árabe, ao formar uma nova expressão, remetem a outros sentidos que o interlocutor deve assimilar. Elas deixam de se referir às suas formas puras, como primavera no sentido de estação do ano ou árabe como designativo de uma língua ou etnia. Esses novos sentidos resultam na terceira propriedade, “a participação em todo ato consciente”. O interlocutor, ao ouvir ou ler a expressão Primavera Árabe, dá um novo sentido às palavras que a compõem, rompendo com as primeiras aceções que as palavras tinham em um outro contexto. Conforme Pêcheux (1997, p. 161),

se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes [...] conforme se refi-

ram a esta ou àquela formação discursiva, é porque uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.”

Em um contexto específico, o interlocutor internaliza as palavras Primavera e Árabe no sentido de revolta popular, revolução, luta por democracia. Porém, para que este processo de interiorização (assimilação e construção) da palavra ocorra, o interlocutor remonta a conhecimentos prévios sobre a utilização do termo. No caso específico, ele pode assimilar os acontecimentos definidos como Primavera Árabe ao que sabe sobre a Primavera de Praga ou, mesmo, à expressão primavera como um termo conotativo para indicar abertura política. Assim, a estrutura da enunciação é diretamente determinada pela tomada de consciência. Como salienta Bakhtin/Voloshinov (apud BRANDÃO, 2012, p.32),

a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente a estrutura da enunciação. A situação dos participantes mais imediatos determina a forma e o estilo ocasionais da enunciação, os estados mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor. Toda a tomada de consciência implica um discurso interior, entonação interior, estilo interior ainda que rudimentares. Sem uma orientação social de caráter apreciativo não há atividade mental.

A materialização da palavra em um enunciado concreto faz com que ela venha a adquirir função ideológica. A palavra só é neutra se estiver descontextualizada. Ao analisar os fragmentos das reportagens é possível perceber a perda da neutralidade em função da ideologia presente nos enunciados.

Na reportagem da revista *Veja* a expressão Primavera Árabe aparece associada ao contexto das revoltas no norte da África e no Oriente Médio. O interlocutor é induzi-

do a fazer essa associação à qual vem se juntar, no texto, a antítese entre as palavras Primavera e inverno:

O ataque à embaixada não é o primeiro dos muitos atos criminosos praticados por radicais maometanos com a cínica anuência das autoridades egípcias. Gangues de jovens muçulmanos destroem igrejas cristãs e atacam cidadãos cujo único crime é não comungar com eles a mesma religião. Os policiais sempre chegam atrasados a esses episódios, a tempo apenas de impedir que muito sangue seja derramado e cai a ficha do Ocidente de que a Primavera Árabe é apenas o prenúncio passageiro do duradouro inverno dos governos teocráticos dominados por radicais islâmicos. (Veja, 21 de setembro de 2011. Grifos nossos)

Postas em contraposição, as expressões Primavera/inverno indicam, da parte do enunciador, valoração positiva ou negativa dos possíveis resultados dos movimentos em curso nos países árabes. Verifica-se como a ideologia presente no enunciado compromete a neutralidade das palavras.

Da mesma maneira, no texto da Carta Capital, o processo de “interiorização” da palavra possibilita ao leitor se reportar aos fatos sem necessariamente precisar procurar no dicionário o significado das palavras utilizadas para defini-los. No fragmento da reportagem da Carta Capital, as revoltas nos países árabes são também abordadas com um peculiar jogo de palavras: primavera, flores e murcharam, essa última a indicar que as revoltas, já sem forças, poderiam frustrar as expectativas de mudanças que pareciam anunciar:

O efeito dominó iniciado na Tunísia e no Egito com a Primavera Árabe não é infinito. Ou definitivo, como foi o caso das revoluções que varreram regimes autoritários do Leste Europeu, em 1989. Por ora, a Primavera Árabe parece ter esmorecido. As flores a inspirar revoltas murcharam. Mesmo assim, a esperança permanece. (Carta Capital, 21 de março de 2011. Grifos nossos)

Utilizada no contexto das revoltas árabes desencadeadas em 2011, a palavra primavera, se descolar-se do seu sentido primeira, serve para indicar que algo que está florindo e que este florescer é algo positivo. Esta aceção da palavra torna-se irrevogável

quando aplicada às insurgências dos civis na Tunísia e, logo depois, no Egito, em Bahrein e na Líbia. Em janeiro de 2011, quando ainda era inverno no hemisfério norte, a palavra Primavera, aplicada às revoltas, cria uma perspectiva de abertura política. Para a Veja, entretanto, o contraponto da primavera – o inverno – presta-se bem mais a demonstrar a desconfiança do enunciador em relação à possibilidade de instalação da democracia nos países árabes.

Usando as mesmas palavras para a análise de uma mesma conjuntura, as revistas deixam claro seus princípios editoriais: enquanto a Carta Capital aposta na possibilidade de abertura política a partir dos eventos associados à ideia de Primavera Árabe, a Veja vislumbra, como resultado das revoltas, a vitória do radicalismo religioso.

Em conformidade com a linha editorial de cada uma das revistas analisadas, a expressão Primavera Árabe toma uma mesma acepção, mas a análise dos textos só é possível se considerados os imbricamentos e, especialmente, as clivagens com outros termos e expressões aplicadas ao mesmo contexto; os elementos de valoração positiva ou negativa dos fatos abordados e, enfim, os indicativos quanto ao perfil dos sujeitos que produzem a notícia (editores, jornalistas etc.) e daqueles que a consomem. Pois, como destacou Bakhtin (2010, p. 98-9),

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* (Itálico no original)

WORD BEYOND THE NEWS: THE MEANINGS ARAB SPRING IN THE MEDIA

ABSTRACT: This paper makes an analysis of the Word and its implications inside the journalistic discourse, having as object the expression Arab Spring, mane given to the riots that occur in the Arab world in 2011. The methodology adopted in the research starts from the concepts about the Word in the Bakhtin and Pêcheux perspective. Starting from Bakhtin concepts regarding the Word,

is notice that the meanings of particular term can vary according with the historical moment which the word is launched, been susceptible to the announcer subjectivity, as well of the interlocutor. The expression only does not explain the events without there be an interpretation of the facts by the subjects that produce the news and of the people that consume it. For thus the word can acquire many meanings, depending the point of view of those who write it and of those read it.

KEYWORDS: Meanings word; Speech journalistic; Arab Spring

Referências

ACHCAR, Gilbert. *Uma Primavera Árabe?* Le Monde Diplomatique Brasil, 2005. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/acervo.php?id=1219&tipo=acervo>>. Acesso em: 2 de julho de 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BARREIROS, Ruth Ceccon; CAMARGO, Wander Amaral. *A questão da palavra em Bakhtin: uma proposta de análise*. 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/index1.htm>>. Acesso em: 3 julho de 2012.

BBC. Egípcios protestam contra Mubarak. Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/news>>. Acessado em 10 de junho de 2013.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CARTA, Gianni. *Perfume de Jasmim*. Carta Capital. Edição n° 630. p. 38-41, 26 de janeiro de 2011.

_____. *Ultimato da ONU ao tirano*. Carta Capital. 21 de março de 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/ultimato-da-onu-ao-tirano-2/>>. Acesso em: 25 de junho de 2012.

CORM, Georger. Nas ruas, a volta do povo. *Le Monde Diplomatique Brasil*. p. 36-7. Abril de 2011.

GALTUNG, J; RUGE, M.H. A Estrutura do noticiário estrangeiro. In: TRAQUINA, Nelson (Org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega Editora, 1999.

LIMA, Marcus A. Assis. *Jornalismo e "construção de futuro"*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-jornalismo-futuros.pdf>>. Acesso em 18 de Junho de 2012.

MACHADO, Irene. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1997.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2009.

STELLA, P. Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

TAZDAÏ, Tarik e CHAABANE, Naceur. Características das revoluções. Dossiê - Le Monde Diplomatique Brasil: o despertar do mundo árabe. *Le Monde Diplomatique Brasil*. p. 32-35. Ano 1, Julho/Agosto 2011.

TEIXEIRA, Duda. Israel, uma nação sitiada. *Veja*. Editora Abril. Edição 2235. p. 75. 21 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 25 de junho de 2012.

TV Cultura. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/culturaretro/o-que-foi-a-primavera-de-praga>>. Acesso em 2 de julho de 2012.

Veja. 19 de janeiro de 2011, p. 34. Edição nº 2200. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em 25 de junho de 2012.

*Recebido em 11/06/2013.
Aprovado em 09/12/2013.*